

“MERDA!”: REBELIÃO NO MUNDO COSTURADO

Wellingson Valente dos Reis¹
Widnerley Santos Vargas Munhoz²
Josebel Akel Fares³

RESUMO: O presente artigo foi elaborado a partir do trabalho de conclusão de curso “Meninas Transgressoras: o Universo Infantil em Maria Lúcia Medeiros”, apresentado para a obtenção do grau de licenciatura em Letras. O estudo trata das transgressões e rebeliões de uma menina de cabelo encaracolado, personagem principal do conto “Chuvas e Trovoadas”, que foge do mundo “chato” dos adultos, representado pela aula de costura, para entrar no seu mundo da infância, um mundo feliz e sem responsabilidades. A pesquisa, de cunho bibliográfico, tem embasamento em teóricos da atualidade que tratam dos temas relacionados à infância, devaneio, mitologia e a escola. A pesquisa volta-se para as considerações destes temas no conto da autora Maria Lúcia Medeiros, fazendo uma análise da construção desse mundo sonhado pela personagem. A presente pesquisa é fruto de uma Iniciação Científica financiada pela PROPESP/UEPA e ligada ao Grupo de Pesquisa CUMA – Grupo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas, na linha de Poéticas.

Palavras-chave: Infância – Maria Lúcia Medeiros – Transgressão

ABSTRACT: *The present article was elaborated from the work of course conclusion “Meninas Transgressoras: o Universo Infantil em Maria Lúcia Medeiros”, presented for the attainment of the degree in Letters. The study deals with transgressions and rebellions of a curly-haired girl, main personage of the story “Chuvas e Trovoadas”, that runs away from the “flat” world of the adults, represented for the sewing lesson, to enter in its world of infancy, a happy world and without responsibilities. The research, of bibliographical, has basement in theoreticians of the present time who deal with the subjects related to infancy, dreams, mythology and the school. The search is back to the considerations of these subjects in the story of the author Maria Lúcia Medeiros, making an analysis of the construction of this world dreamed for the personage. The present research is fruit of a Scientific Initiation financed by on PROPESP/UEPA and to the Group of Research CUMA – Group of research Amazonian Cultures and Memories, in the line of Poetical.*

Keywords: *Childhood – Maria Lúcia Medeiros – Transgression.*

I

Maria Lúcia Medeiros, autora do conto Chuvas e Trovoadas, do livro Zeus ou a Menina e os Óculos, objeto deste estudo, é senhora de uma poética de profundas prospecções-introspecções

¹ Aluno do programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos e Análise Literária – UEPA – Graduado em Letras – UEPA e professor de Literatura.

² Graduado em Letras – Língua Portuguesa – UEPA e professor de Literatura.

³ Doutora em Comunicação e Semiótica, professora da Universidade do Estado do Pará - UEPA. Orientadora do presente trabalho.

emotivas, rica em detalhes e cuidados com as palavras, as formas e os enredos. A escritora cria e recria obsessões, perplexidades, tempos e espaços do homem moderno. Em suas narrativas nada é casual: um quarto de hora, óculos, gritos, sussurros, chuvas, trovoadas, agulhas, lápis, ruídos, enfim, os mínimos detalhes são suficientes para a autora sugerir, deixando o sentido quase sempre latente.

Segundo a biografia da autora, estudada por Fares (2002), ela rompe o ineditismo em 1985, com a publicação do conto *Corpo Inteiro* na coletânea “Ritos de Passagem de nossa infância e adolescência”. Publicou “Zeus ou A Menina e os Óculos” (1ª edição, Belém: Cejup, 1988; 2ª Belém: Maria Lúcia Medeiros, 1994), “Velas, Por quem?” (Belém: Cejup, 1990), “Quarto de Hora” (Belém: Cejup, 1994), “Horizonte Silencioso” (São Paulo: Boitempo, 2000), “Antologia de Contos” (Belém: Amazônia, 2003), “Céu caótico” (Belém: Secult, 2005). Não ficção: O lugar da errância (artigo publicado em Amazônia e a crise da modernização/ Maria Ângela D’ Incao e Isolda M. da Silveira (org), Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994); O nativo de câncer: travessias de uma poética amazônica (artigo - Revista Asas da Palavra, Unama: Junho, 1995/ n.2) O lugar de ficção (memórias de leitura. Belém: Secult/IOE, 2004); Dom Quixote veio de trem (memórias - Revista Asas da Palavra/Edição Comemorativa do IV Centenário de Dom Quixote de La Mancha. Belém: Unama, 2005/ V.9, n. 20), entre outros esparsos.

A obra de Maria Lúcia Medeiros tem sido objeto de ensaios, comentários e outros escritos: “A quem interessar possa” - Benedito Nunes (prefácio da 1ª edição de “Zeus...”); “Transformar Pedras em Palavras” (apresentação da 2ª edição do “Zeus...”) e ABC de Maria Lúcia Medeiros - José Arthur Bogéa; “Zeus ou A Menina e os Óculos: As Sutilezas da Resistência”- Amarilis Tupiassu; “Um livro é seus mistérios” - Maria Elisa Guimarães (apresentação do *Velas, Por quem?*), A ficção de Maria Lúcia Medeiros, (estudos sobre a obra da escritora, organizado por Amarilis Tupiassu. Belém: Secult/IOE, 2002). Além dos referidos, há outros, principalmente sobre o primeiro livro publicado, leitura recomendada ao concurso vestibular da UFPA, 1995/6, contudo permanecem inéditos ou com edições circulando apenas entre os cursinhos pré-universitários. Destes, cita-se *Zeus ou A Menina e os Óculos: A Infância Revisitada* dos professores Josse Fares e Paulo Nunes.

Fares (2002) ainda anota os dois trabalhos visuais de que são matérias os contos de Maria Lúcia: *A Escritura Veloz* - direção Mariano Klautau Filho (vídeo - produção independente - 1994), composto de comentários e imagens recortadas dos três livros, com a participação dos atores Valéria Andrade, Mariane Rodrigues, Alberto Silva, Fábio Pina, lançado durante a Feira de Frankfurt daquele ano, onde a escritora fez palestra. *Chuvvas e Trovoadas* - direção Flávia Alfinito (curta-metragem - produção independente - 1995), baseado no conto homônimo, com a narração de José Mayer e a participação das atrizes Patrícia França, Suzana Faine, Andréia Rezende, Andreia Paiva e Francis, circulou no circuito de cinema paraense em prévia de sessões regulares - e recebeu o prêmio de Melhor Fotografia no Festival de Gramado (1995).

A escritora, professora de Literatura e responsável pela inserção da disciplina Literatura Infantil no currículo curso de Letras da UFPA (retirada posteriormente), a convite de universidades locais, nacionais e instituições estrangeiras, proferiu palestras sobre sua obra, sobre a Literatura de Expressão Amazônica, principalmente, o poeta Ruy Barata, objeto de seus estudos. Responsável pela implantação de vários projetos de leitura, é co-autora do livro didático *Do Texto ao Texto: Leitura, Gramática e Criação*, ao lado de Josse Fares, José Ildone, Josebel Fares, Nilza Melo e Silva e Paulo Nunes (5ª série / SEDUC / 1994).

Maria Lúcia Medeiros nasceu em 15 de fevereiro de 1942, em Bragança, município do Pará:

Eu nasci em Bragança, uma cidade simples do interior, com um trem de ferro e um rio na frente. Tive, portanto, uma infância bem brasileira: quintal, primos, frutas, tios, igreja, cinema Olympia. Em Belém já cheguei quase adolescente e meus fantasmas viviam sob as mangueiras, nas ruas largas, na arquitetura imponente de uma cidade de 250 mil habitantes que era Belém dos anos 50. Quando descobri os livros, descobri um outro jeito de viver. Personagens, situações, lugares ajudavam meu aprendizado do mundo. Ler para mim sempre foi uma salvação. Agora, escrever, acho que sempre escrevi. Lembro que muito menina eu me recolhia e escrevia, escrevia para mim. (MEDEIROS *In* A ESCRITURA VELOZ⁴, 1994)

⁴ Trabalho visual com direção de Mariano Klautau Filho (produção independente) e participação dos atores: Valéria Andrade, Mariane Rodrigues, Alberto Silva e Fábio Pina. O vídeo traz comentários da própria autora sobre sua obra, além de imagens recortadas dos três livros até então publicados (“Zeus ou a menina e os olhos”, “Velas. Por quem?” e “Quarto de hora”).

A escritora, a quem os amigos tratavam por Lucinha, uma pessoa movida pelo amor à palavra e, principalmente, à vida foi acometida de uma enfermidade degenerativa, faleceu em 08 de setembro de 2005, aos 63 anos.

II

Ser o outro, o excluído, o estranho, faz parte, muitas vezes, do cotidiano da mulher e da criança. Ambas as classes assemelham-se por serem “minorias” na literatura e na sociedade. Por vários motivos sócio-político-culturais a mulher foi, e às vezes ainda é, excluída do mercado de trabalho e da vida intelectual. Por outro lado, a criança passou longo tempo sendo vista como uma projeção do adulto, sem receber atenção e cuidados específicos.

Em “Chuvas e trovoadas”, Maria Lúcia Medeiros, de maneira sutil, evidencia múltiplos temas que se relacionam com essas duas minorias. A menina protagonista representa ao mesmo tempo a mulher e a criança e nos permite analisar, concomitantemente, a rebeldia feminina e infantil diante de *um mundo arrumado, costurado, cerzido, consertado*.

Encontramos no conto quatro meninas, *todas banhadas, cheirando a lavanda francesa*, aprendendo costura manual. *Protegidas do mundo, abrigadas na imensa sala as meninas costuravam*. A professora ensinava muito mais do que a arte de costurar: ensinava as meninas a se comportarem como mulheres, tratando-as como tais, esquecendo que na verdade eram meninas.

As meninas deveriam ser “preparadas” para exercer atividades domésticas, cumprir com obrigações de mães e esposas que consistia na dedicação aos filhos e submissão aos maridos, entre outras atividades da “rainha do lar”,

E a professora sonhava. Sonhava e as transformava em futuras jovens senhoras, “mãos de fada”, orgulho dos maridos, da família. Proibido falar em mundo perdido. Vislumbrando-o inteiro naquelas meninas tão meninas, tão delicadas, louças, gentis.
(MEDEIROS, 1988, p. 77)

Com o advento da burguesia e o surgimento de uma nova concepção de infância, o objetivo dos pais passou a ser preparar os filhos para a vida, uma vida de adulto, que exige, principalmente da mulher, que ela seja prendada, organizada e submissa.

Os pais não se contentavam mais em pôr filhos no mundo, em estabelecer apenas alguns deles, desinteressando-se dos outros. A moral da época lhes impunha proporcionar a todos os filhos uma preparação para a vida. (ARIÈS, 1981, p. 170)

Ser bem prendada, saber cuidar do “seu homem” e da sua casa eram pontos necessários para conseguir um “bom” casamento. Condenadas a serem apenas mães e esposas, ou prostitutas, a única chance de sucesso pessoal era agarrar “o melhor partido”.

Dessa forma, o papel feminino na sociedade foi baseado no pensamento de que a mulher deve ser obediente, reclusa, sem iniciativa própria, confinada ao âmbito doméstico, sem acesso ao conhecimento e ao mercado de trabalho. Esse pensamento descabido tem se arrastado através dos séculos.

Capitu, personagem criada por Machado de Assis em “Dom Casmurro⁵”, não conseguiu aprender latim porque recusavam ensiná-la, já que não era coisa de meninas. Não tendo outra saída, ela resolveu aprender fazer renda com dona Glória, sendo essa uma atividade destinada às mulheres. A romancista inglesa Virginia Woolf⁶ se queixava porque não lhe permitiam estudar grego clássico, pois era privilégio apenas dos homens, garantindo-lhes assim o monopólio da leitura dos clássicos.

No século XVII, na França, algumas mulheres começaram a

estudar e ler, a discutir filosofia e arte em seus salões e até mesmo, pasmem!, a escrever – como fizeram tantas maravilhosas autoras de contos de fadas, muitas vezes depois apropriados em antologias masculinas, ou como fizeram Madame de Stael, Madame Lafayette, Madame de Sevigné e tantas outras, elas não apenas foram ridicularizadas (como nas comédias de Molière), mas também eram abertamente criticadas por

⁵ Romance publicado, a primeira vez, em 1899.

⁶ Virginia Woolf foi uma das mais importantes escritoras inglesas. Nasceu em 25 de Janeiro de 1882 e faleceu em 28 de Março de 1941, após cometer suicídio. A obra desta escritora é sempre classificada como sendo das mais inovadoras e estimulantes. Reconhecida em vida, apoiada pelo seu marido, igualmente escritor, Leonard Woolf, Virginia produziu nove romances, duas biografias, sete volumes de ensaios, vinte e seis cadernos de diários e um sem número de cartas.

iluministas considerados progressistas e revolucionários, pais do pensamento democrático. Jean-Jacques Rousseau, por exemplo, considerava as mulheres com pretensões letradas uma ameaça àquilo que definia como o domínio “natural” dos homens. Criticando os salões, chamando-os de “prisões” em que os homens se sujeitavam às regras das mulheres, Rousseau caricaturou as mulheres que estudavam, chegando ao ponto de dizer em sua “Carta a D’Alembert” (1759) que quando a dona da casa quer aparecer em público “seu lar parece um corpo sem vida que logo se corrompe”. Em seu livro “Emílio” (1762), rejeitou com veemência a possibilidade de que as mulheres usassem a linguagem em público para defender seus pontos de vista, acusando-as de usurpar a autoridade, e querer exercer o controle por meio da fala, em vez de empregar o que chamava de sua “linguagem natural” dos deveres familiares. E completava, afirmando que os trabalhos de agulha é que são verdadeiramente naturais para a mulher: “A costura, o bordado, as rendas, isso tudo vem por si mesmo. Fazer tapeçaria pode não ser tão do gosto de uma jovem, porque o mobiliário é tão distante de suas pessoas...” (mas é o natural para a mulher). (MACHADO, 2001, p. 33)

III

Em “Chuvas e trovoadas”, temos a impressão de que as mães e a professora das meninas corroboram esse pensamento preconceituoso e excludente em relação à mulher. *Falavam de um mundo arrumado, costurado, cerzido, consertado*, sem espaço para a liberdade. Nesse *mundo comportado* o destino das meninas já estava selado: futuras senhoras, *orgulho dos maridos, da família*, sem liberdade de escolher o que fariam ou seriam, pois uma mulher deveria apenas estar preparada para ser uma mãe, esposa e dona de casa exemplar.

As aulas de costura e a ordem que ali imperava deixavam *feliz a professora, felizes as mães de filhas tão gentis*, sem se preocuparem se as meninas estavam felizes também. De certa forma, isso nos mostra como a sociedade muitas vezes não respeita as crianças, que vivem em seu mundo de devaneios, ao contrário, tenta a todo custo introduzir na criança a cultura do adulto, pois pensa que futuramente essa será a sua cultura.

O tempo da infância é visto e pensado por uma ótica já amadurecida e sem reservas virtuais. Assim a criança insere-se num quadro mais amplo e mais complexo, o que torna impossível dissociá-lo de valores que na verdade, são os do adulto cobrados a si próprio. (BASSALO, 1990, p. 16)

Mas em meio às aulas de costura, os ouvidos das meninas *abriam-se para o ruído das ruas*, seus olhos brincalhões e vagabundos não resistiam a *tentação das janelas abertas*. Sem dúvida um convite para a liberdade, para o prazer, longe das regras, padrões e exigências da professora.

Penoso era olhar a um canto o piano sempre fechado, negro, lustros. Doloroso era ficar tão longe do quintal que se adivinhava lá pro fim do corredor comprido, tábuas corridas enceradas, passadeiras colorida, de tão poucos passantes. (MEDEIROS, 1988, p. 76)

Era *doloroso* para as meninas *ficar tão longe do quintal*, pois dentro da casa estava “o mundo dos adultos”, das convenções, enquanto lá fora estava “todo o mundo”. Para uma criança, o “paraíso” são os fundos dos quintais (quanto mais misteriosos, mais cheios de árvores, de cantos “escondidos” e de trastes velhos, melhor). Quem nunca fez “travessuras” ou vivenciou perigosas aventuras nos quintais? Brincar entre os matos, percorrer trilhas secretas, ouvir os sons da natureza, tentar pegar animais ou insetos, fazer esconderijos com restos de construção, tudo isso são momentos em que as crianças exercem sua imaginação e criatividade. Paulo Freire, em um escrito sobre a criança e seus mundos, fala do menino de quintal que ele foi no Recife.

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós – à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe – o quintal amplo em que me achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. [...] Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros – o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, do sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmims – no corpo das árvores, na casca dos

frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada, o amarelo-esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. (FREIRE, 1995, p. 12-14)

Infelizmente *a menina de cabelos encaracolados* não podia se perder em aventuras, correndo pelo quintal. Ao invés disso, ficava presa por linhas de costura, ocupada com *bainhas e babados, alinhavos, arremates, franzidos e cerzidos*.

Mesmo estando em um ambiente repressor, a personagem principal realizava pequenos atos de transgressão. *Arrastava a cadeira e pedia desculpas, mas repetia o gesto todos os dias de aula. O ruído era dela, feito por ela*. Esse arrastar da cadeira era *sempre acompanhado pelos olhares meio reprovadores das outras costureirinhas*. Além disso, o pé da *menina de cabelos encaracolados* era o único que *saía do sapato e escorregava pra debaixo da mesa*. Enfim, a menina era a *ovelha meio desgarrada*. Não se sentia à vontade naquele *mundo arrumado, costurado, cerzido, consertado*, ela queria viver livremente, sem convencionalismo de menina bem comportada.

A liberdade tão almejada foi alcançada em um dia *quando desabou a chuva*, mais precisamente, em uma *tarde que virou noite, de repente*. A figura da noite, tão propícia aos devaneios e sonhos, representa aqui o marco para a libertação, pois durante a noite “*todos os gatos são pardos*”, todos são iguais, e “*todos que se escondem saem*”. “A noite convém à purificação do intelecto”. (CHEVALIER, 2000, p. 640)

Em um momento de radicalização a menina de *cabelos encaracolados* resolve, literalmente, jogar tudo para o ar, e se desfazer daquela “*armadura*” que a prendia e a impedia de ser feliz.

Mas a menina já estava de pé, braços abertos num longo espreguiçamento e, ligeira, atirou caixas e agulhas e linhas e dedal pra cima, pro alto, bem pro alto, esparramando pela sala dezenas de alfinetes e pedacinhos de renda que se foram alojar, num vôo doido, por cima das meninas costureiras. (MEDEIROS, 1988, p. 78)

Antes de ir embora, a garota ainda disse uma última palavra: *Merda!* Ao pronunciar essa palavra, (de baixo calão, diga-se de passagem) a menina estava verbalizando sua revolta, sua rebelião, contra aquele *mundo arrumado, costurado, cerzido, consertado*. Além de ser uma forma de descarregar toda pressão que estava sentindo naquele lugar.

Depois do ato de rebeldia a menina abriu a porta, símbolo de “passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido” (CHEVALIER, 2000, p. 734), e partiu para a rua, em busca de um imenso cenário de novidades a ser desbravado.

Ao mergulhar *na chuva grossa que banhava ruas e calçadas*, a personagem usufruiu sua liberdade total, abandona o modelo de mulher perfeita e deixa para trás as regras e exigências da professora. A menina foi banhar-se na água da chuva, que é “fonte de vida, meio de purificação” (CHEVALIER, 2000, p. 15), a fim de fertilizar o espírito e lavar sua alma, que estava repleta de “sujeiras” e “impurezas” do mundo adulto.

A rebelião da menina foi muito mal vista pela professora que é uma figura repressora e deve ter se sentido afrontada com a transgressão da garota. *Logo depois tocou o telefone e a conversa não foi escutada por ninguém*. Qual seria o conteúdo desta conversa? Não se sabe. Porém sabe-se que esta menina se libertou das amarras dos adultos, principalmente da professora, e que não se submeteu ao modelo de mulher submissa e reclusa, confinada ao âmbito doméstico.

A menina de *cabelos encaracolados* se tornou Zeus, simbolizado pela “trovoada” destacada no título do conto, pois passou a ter o comando supremo de seus atos. A personagem passou a aproveitar, como ela sempre quizesse, a sua infância, dentro do seu mundo mágico, criado por ela e para ela. E junto dela estavam os livros de literatura, que são feitos para o prazer de todos.

Contam, por fim, que a menina, filha de um professor de filosofia, passa as tardes devorando livros de aventura, contos de fada, lendas e mitos, sonhando com terras distantes. E que (já ia me esquecendo) anda apaixonada por um tal de Robinson Crusoe. (MEDEIROS, 1988, p. 79)

A leitura, como sabemos, é uma viagem. Ler é viajar pelo “eu” interior, conhecer lugares desconhecidos, mundos imaginários, seres fantásticos. É ver cores e paisagens, degustar

sabores exóticos, sentir cheiros indefiníveis, ouvir sons maravilhosos. Essa viagem tende a ser muito mais maravilhosa e marcante, quando feita pela criança. Dizemos isso porque a infância é, por excelência, a fase da descoberta, do lúdico, da diversão, da imaginação.

Referências

A ESCRITURA VELOZ. Direção de Mariano Klautau Filho. Belém: Produção Independente, 1994. Fita de vídeo, VHS, son., color.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BASSALO, Célia. **Três significações na poesia de Paulo Plínio de Abreu**. 116 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Pará, Belém, 1990.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 2000.

FARES, Josebel Akel. Imagens da passagem refletidas no espelho. In: TUPIASSÚ, Amarílis. (Org.) **A ficção de Maria Lúcia Medeiros: leituras**. Belém: Secult/Ioe, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1995.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas: sobre leitura e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MEDEIROS, Maria Lúcia. **Zeus ou a menina e os óculos**. 1. ed. São Paulo: Roswitha Kempf, 1988.

TUPIASSÚ, Amarílis. (Org.) **A ficção de Maria Lúcia Medeiros: leituras**. Belém: Secult/Ioe, 2002.